PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA COQUELUCHE NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL: UM ESTUDO ECOLÓGICO ENTRE 2018 E 2022

Machado LS[1], Pereira MK[1], Viana NI[2]

[1]Acadêmicas do curso de Medicina da Universidade do Estado de Minas Gerais;

[2]Doutora em Ciências e Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais

machadolayane97@gmail.com

Introdução: A coqueluche é uma doença infecciosa bacteriana altamente contagiosa, que afeta principalmente as vias respiratórias. Caracteriza-se por crises de tosse seca intensa, podendo levar a complicações graves, especialmente em crianças menores de seis meses, com risco significativo de mortalidade se não tratada adequadamente. Entre 2018 e 2022, foram registrados 4559 casos de coqueluche no Brasil, dos quais 1492 ocorreram na região Sudeste, indicando a necessidade de um estudo mais detalhado sobre o perfil epidemiológico dessa doença na região. Objetivos: Descrever e analisar o perfil epidemiológico da coqueluche na região Sudeste do Brasil, no período de 2018 a 2022. Metodologia: Foi realizado um estudo observacional, ecológico e descritivo, utilizando dados do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN) disponíveis no DATASUS TabNet. Foram incluídos no estudo todos os casos notificados de coqueluche na região Sudeste entre 2018 e 2022. Por se tratar de pesquisa com dados secundários, públicos e anonimizados, não foi necessária a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme previsto na Resolução CNS nº510/2016. Resultados: Durante o período estudado, a região Sudeste notificou 1492 casos de coqueluche, dos quais 11 deles resultaram em óbito. O ano com maior número de notificações foi 2018, com 871 casos (58,4%). O estado de São Paulo registrou o maior número de casos, totalizando 774 casos (51,9%). A análise demográfica revelou que 731 (49,0%) dos casos ocorreram em crianças menores de um ano, 814 (54,6%) em mulheres, e 827 (55,4%) em indivíduos que se autodeclararam brancos. Entre 443 pessoas cujos dados de escolaridade estavam disponíveis, 157 (35,4%) não haviam completado o ensino fundamental. Discussão: Os dados corroboram a literatura existente, que identifica crianças menores de um ano e mulheres como os grupos mais vulneráveis à coqueluche. No entanto, há uma lacuna significativa no entendimento das influências de raça e escolaridade na incidência da doença, o que aponta para a necessidade de estudos futuros focados nesses aspectos. Conclusão: Este estudo contribui para a compreensão do perfil epidemiológico da coqueluche na região Sudeste do Brasil, evidenciando a predominância da doença em mulheres, crianças menores de um ano e indivíduos brancos. A alta incidência da coqueluche na região enfatiza a importância de intensificar campanhas de vacinação para aumentar a cobertura vacinal e reduzir a ocorrência de novos casos.

Palavras-chave: Brasil; Coqueluche; Epidemiologia; Perfil de saúde.

Referências bibliográficas:

1. Ministério da Saúde [Internet]. Coqueluche; [citado 22 abr 2025]. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/coqueluche
2. DATASUS – Ministério da Saúde [Internet]. Doenças e Agravos de Notificação – 2007 em diante (SINAN) – DATASUS; [citado 22 abr 2025]. Disponível em: https://datasus.saude.gov.br/acesso-a-informacao/doencas-e-agravos-de-notificacao-de-2007-em-diante-sinan/.
3. Gopal DP, Barber J, Toeg D. Pertussis (whooping cough). BMJ. 2019;364:l401. Published 2019 Feb 22. doi:10.1136/bmj.l401
4. Finger H, Wirsing von König CH. Epidemiologie des Keuchhustens [The epidemiology of whooping cough]. Gesundheitswesen. 1992;54(10):541-545.